



UM OLHAR HISTÓRICO NO PROCESSO MOTIVACIONAL DA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS (EJAI)

Luiz Eduardo Paulino da Silva¹, Adriano Jovelino Araújo², Rômulo Tonyathy da Silva Mangueira³,
Samya de Oliveira Lima⁴

¹(Universidade Estadual da Paraíba – Campus Campina Grande, eduardops25@hotmail.com)

²(Universidade Estadual da Paraíba – Campus Campina Grande, adrianoaraujo25@hotmail.com)

³(Universidade Estadual da Paraíba – Campus Campina Grande, tonyathy@hotmail.com.br)

⁴(Universidade Estadual da Paraíba – Campus Campina Grande, samyasol@yahoo.com.br)

RESUMO: A motivação é entendida por muitos estudiosos da educação como a força que impulsiona um indivíduo a agir, despertando-o à transformação, assim, entendendo-se como tudo aquilo que leva a realização de alguma coisa. A motivação, em termos educacionais, sobretudo no que se refere à relação professor-aluno, é considerada um dos fatores primordiais no processo ensino-aprendizagem. Este trabalho trata-se de uma pesquisa descritivo-bibliográfica de caráter exploratória voltada a discussão desta temática na Educação de Jovens e Adultos e Idosos (EJAI). O objeto principal foi analisar os teóricos que discutem acerca da motivação nesta modalidade educacional. Para isso, realizou-se um recorte teórico de autores que tratam desta temática, focalizando a interação educador-educandos(as) em sala de aula. Traçou-se um panorama sobre o desenvolvimento histórico dos estudos da motivação relacionada à história da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), como, também, a motivação na visão educacional. Partindo dos referenciais analisados, os resultados evidenciam que os sujeitos inseridos no EJAI motivam-se reciprocamente, ou seja, os docentes motivam-se ao assistirem educadores ministrarem aulas com métodos adequados ao desenvolvimento da aprendizagem e, por sua vez, os educadores encontram o despertar da motivação quando veem seus educandos interessados na aprendizagem.

Palavras chave: Motivação, EJAI, Educadores/as, Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A motivação tornou-se um problema de ponta em educação, pela simples constatação de que, em paridade de outras condições, sua ausência representa queda de investimento pessoal de qualidade nas tarefas da aprendizagem. Alunos desmotivados estudam muito pouco ou nada e, conseqüentemente, aprendem muito pouco. Em última instância, aí se configura uma situação educacional que impede a formação de indivíduos mais competentes para exercerem a cidadania e realizarem-se como pessoas, além de se capacitarem a aprender para a vida a fora. (McCaslin e Good, 1996)

Através da motivação os sujeitos escolhem, procuram, executam, interagem, planejam



metas, quando uns desses fatores não são apresentados no sujeito é porque o mesmo está desmotivado.

Nos últimos tempos, percebemos que esta questão muito nos tem incomodado, pois temos observado que a total falta de motivação para o estudo por parte de alguns alunos é um dos principais fatores em nossas escolas.

Segundo Bzuneck, (2001), todo educando já traz para a escola alguma forma de motivação positiva, resultante de diversas experiências em seu meio. No entanto, a escola muitas das vezes planeja essa motivação com atividades nada desafiadoras, esquecendo de despertarem nos alunos, a curiosidade e a criatividade. Nos dias atuais ainda encontramos esses desinteresses por parte das escolas.

A situação do fracasso escolar que atinge grande parte da população brasileira encontra na desmotivação uma de suas principais causas, contradizendo afirmações de que os mecanismos de avaliações eram os grandes responsáveis pela exclusão dos alunos da escola.

A importância deste trabalho deu-se em uma perspectiva centrada nos esforços de ambos, tanto na motivação dos alunos quanto na do corpo docente da EJAI. Observamos que falta muito para se obter resultados satisfatórios que atendam aos sujeitos da EJAI. O objetivo deste trabalho foi analisar em textos teóricos o olhar dos autores sobre a importância da motivação em sala de aula. Esperamos, contudo, que este trabalho possa trazer uma compreensão, leitura e reflexão sobre o tema abordado em estudo a todos aqueles que buscam entender a importância da motivação na modalidade Educação de Jovens, Adultos e Idosos.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza histórica e caráter documental, uma vez que centramos nossas análises em uma base de dados muito rica onde foi consultado um material vasto focado nos autores que deram suporte teórico-metodológico ao estudo a que nos dirigimos e que por sua vez ajudaram na compreensão deste fenômeno; entre eles podemos citar: Oliveira



(1997), Machado (2008), Bergamini (1997), Teles (1994), Portella (2003), Ribeiro (2003), entre outros. Tivemos base, também, diversas leituras em outros meios como: revistas/periódicos, jornais, internet, DVD's, artigos, monografias, dissertações de mestrado, teses de doutorado e outras fontes que mesmo não servindo de referências bibliográficas, nos ajudou na execução da pesquisa e na análise dos dados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apresentar a história da Educação de Jovens, Adultos e Idosos – EJA (termo mais aceito atualmente) é uma tarefa complexa, tendo em vista que não se encontra relatos suficientes no que diz respeito às diversidades em relação a ações implementadas, como também não há fontes de pesquisa em grande quantidade.

No Brasil colônia, a alfabetização tinha como meta principal instrumentalizar a população ensinando a ler e escrever. Essa medida foi adotada para que os alunos pudessem ler o catecismo e seguir as ordens e instruções da corte, como também para que os índios pudessem ser catequizados pelos padres jesuítas.

Com a expulsão dos jesuítas no século XXIII, houve uma desorganização do ensino até então estabelecido. Nova iniciativa sobre ações dirigidas a educação de adultos somente ocorreu durante o império.

Com a constituição de 1934, foi estabelecido o Plano Nacional de Educação, com oferta do Ensino Primário integral e gratuito, independente de idade. A década de 1940 é considerada um período produtivo para a EJA, tanto no que diz respeito à política como à educação.

Já na década de 60, com o Estado associado à igreja católica, novo impulso foi dado as campanhas de alfabetização de adultos. No entanto, com o golpe militar de 1964, todos os movimentos de alfabetização que se vinculavam à ideia de fortalecimento de uma cultura popular foram reprimidos. Foi neste período histórico que o educador Paulo Freire foi exilado do país o qual



pensava numa educação voltada para o diálogo.

Em 1967, cria-se o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), que só veio funcionar em 1970. Foi nesse período que o governo federal iniciou uma campanha de alfabetização e de educação continuada para os Jovens e Adultos. Ainda nesta época, na Constituição Federal de 1988 foram garantidos importantes avanços na educação brasileira. A educação passa a ser um direito de todos e um dever do estado, independente de idade.

Em 1990, o Brasil participou da Conferência Mundial de Educação para Todos, em Jomtien, na Tailândia, durante a qual se reforçou a necessidade de expansão e melhoria do atendimento público na escolarização de jovens e adultos. Porém, somente em 1994 foi concluído o Plano Decenal de Educação, fixando metas para o atendimento de jovens e adultos pouco escolarizados.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96, prevê no artigo 37 ainda, que a educação de jovens e adultos se destina àqueles que não tiveram acesso (ou não deram continuidade) aos estudos no Ensino Fundamental e Médio, na faixa etária de 7 a 17 anos e deve ser oferecidas em sistemas gratuitos de ensino com oportunidades educacionais apropriadas, considerando as características, interesses, condições de vida e de trabalho do cidadão. A Educação de Jovens, Adultos e Idosos pode oferecer uma qualificação a esses indivíduos que está chegando tardiamente, e isso pode muito bem ser oferecido tanto no Ensino Fundamental EJAI quanto no Ensino Médio EJAI. Desta forma, faz-se necessário que as escolas usem estratégias de educação profissionalizante, para que haja inserção dos profissionais, buscando qualificar, reprofissionalizar e atualizar no nível escolar.

O acesso à escolaridade deve proporcionar aos alunos jovens, adultos e idosos a possibilidade de analisar, criticar, concordar, discordar e discutir questões que fazem parte do seu cotidiano. Fica difícil para o jovem e o adulto ter motivação numa escola que ministra aulas para a modalidade EJAI, sabendo que sua profissionalização, que já é tardia, só poderá vir após a conclusão do Ensino Superior. Pois, muitos sabem que aprender somente disciplinas individuais



aplicadas em sala de aula é quase impossível para se conseguir uma formação profissional. Trate-se, pois, de um fator que deixa muito a desejar em nossas escolas.

Podemos afirmar que a história da Educação de Jovens e Adultos em nosso País sempre sofreu interferência no que diz respeito a seu contexto histórico. No entanto, é necessário ressaltar que sua contribuição é bastante válida para a nossa sociedade, tendo em vista que essa modalidade acolhe todos aqueles jovens e adultos que não tiveram oportunidade de concluir seus estudos na idade própria. É nesse contexto que os alunos jovens e adultos encontram motivos diversos para estudar e assim concluir um ensino que, por diversos fatores não terminaram antes.

O desenvolvimento histórico da motivação

Segundo Oliveira (2002), “a origem etimológica da palavra motivação deriva originalmente da palavra latina *movere*, que significa mover”. Souza (2003) afirma que “a palavra motivação é originada do latim *motivus – movere*, que quer dizer mover”. Do mesmo modo, Minicucci (1995, p. 214) afirma que “o termo motivo vem do elemento: MOV = mover. Daí vem à ação de mover, isto é, motivação. A motivação leva você a agir em direção a um objeto. [...]”. Nas obras de diversos autores (OLIVEIRA, 2002; SOUZA 2003; MINICUCCI, 1995) encontra-se a palavra mover como palavra chave sobre motivação. Assim, a motivação ou o mover é a força que coloca à sua disponibilidade “transformar”. É aquilo que nos move que nos leva a agir e a realizar alguma coisa. Logo, podemos dizer que motivar significa predispor-se com certo comportamento para um determinado fim.

De acordo com Teles (1994, p. 34), “motivo é o impulso interno que leva o indivíduo a agir. É uma força gerada internamente, capaz de criar comportamento”. Por isso, quando a motivação está presente no indivíduo, faz com que ele busque seus objetivos, para alcançar sua satisfação. É necessário saber que a motivação não é posta dentro das pessoas, ela já está dentro de cada um. Machado (2002) reflete que a motivação “é um estado interno resultante de uma necessidade que



desperta certo comportamento, com o objetivo de suprir essa necessidade”. A motivação leva o indivíduo a agir em direção a um objetivo. A mesma é uma força impulsionadora que leva o indivíduo a alcançar seu objetivo.

Para Bergamini (1997, p. 83), “entende-se, assim, que a motivação seja um impulso que venha de dentro e que tem, portanto, suas fontes de energia no interior de cada pessoa” A motivação é intrínseca, pois a mesma está dentro das pessoas, jamais se origina fora do indivíduo, mas sempre no interior dele. Por isso, quando há dentro dos indivíduos à vontade de realizar alguma coisa, está presente a motivação e eles estarão motivados para a sua realização e procurarão a sua plena satisfação.

De acordo com Bergamini (1997, p. 24), a motivação é considerada agora como um aspecto intrínseco às pessoas; ninguém pode, por isso mesmo, motivar ninguém, [...]”. Por está dentro de nós, a motivação sai de dentro para fora e não o contrário, por isso, “ninguém motiva ninguém”, as pessoas podem ser estimuladas ou incitadas. O estímulo é que vem de fora para dentro, deparando-se com a motivação que já se faz presente.

Porque a motivação é intrínseca, também não podemos dizer que motivamos os outros a isso ou aquilo. Ninguém motiva ninguém. Nós é que nos motivamos, ou não. Tudo o que os de fora podem fazer é estimular, incentivar, provocar nossa motivação. Dito de outra maneira, a diferença entre motivação e estímulo é que a primeira está dentro de nós e o segundo, fora. (VERGARA, 2000).

Quando as pessoas agem levadas por um impulso interno, por uma necessidade interior, com uma vontade própria de alcançar algo, verdadeiramente existe motivação. Agora, quando as pessoas agem por causa de terceiros, existiu apenas um estímulo externo e não propriamente uma motivação.

Para Bergamini (1997, p. 23), “passa-se a perceber que cada um trás, de alguma forma, dentro de si, suas próprias motivações”. Um indivíduo jamais poderá ser motivado por outro, se ele mesmo não buscar a motivação dentro de si, a mesma pode ou não está relacionada a um desejo.



Segundo Bergamini (1997, p. 28), “os incontáveis objetivos que cada pessoa tem e a forma própria de persegui-los determinam fatores de satisfação motivacional que são praticamente exclusivos a cada um”. O que vai determinar os objetivos de cada indivíduo e a forma de como atingi-los é a motivação presente de forma particular de cada um.

Para Portella (2003), “A motivação está diretamente ligada a desejos, necessidades e interesses das pessoas”. A motivação nasce de acordo com a necessidade de cada indivíduo, ela surge da necessidade interna, e é de lá que vem sua energia, sendo distinta de pessoa para pessoa, pois suas necessidades também são diferentes. Nem sempre o que motiva um indivíduo é capaz de motivar outro, pois a motivação está diretamente ligada com a história de cada um, com os conteúdos psicológicos e com a personalidade do indivíduo.

Bergamini afirmou que (1982, p. 108), “a motivação sempre foi e continuará sendo sintoma de vida psíquica que se move em busca de algo, e jamais se poderia descrever um ser humano em toda a abrangência do seu significado se tal aspecto fosse legado ao esquecimento” e, ainda diz que (1982, p. 109) “a motivação do homem envolve uma dinâmica cuja origem e processamento se faz dentro da própria vida”.

As diferentes necessidades que coexistem no interior de cada um são comparadas àquilo que também se denomina de desejos ou expectativas e têm como origem carências dos mais diferentes tipos, tanto no tocante ao componente físico, como ao psíquico da personalidade. (BERGAMINI, 1997).

O autor supracitado disse que (1997, p. 91), “a satisfação de uma necessidade não paralisa a ação do ser humano; pelo contrário, o próprio fato de satisfazer a uma necessidade faz com que outra venha à tona, disparando, assim, nova conduta de busca, rumo a novo objetivo motivacional”. Como já foi dito, a motivação existe dentro das pessoas, nasce das suas necessidades ou carências, e quanto maior for a necessidade, maior será a motivação do indivíduo. Essas necessidades mudam de pessoas para pessoas e, a partir do momento que elas são satisfeitas, surgem outras e, conseqüentemente novas motivações. De acordo com Bergamini (1982, p. 129), “em termos



psicológicos motivacionais, acredita-se que um objetivo atingido, isto é, uma necessidade aceita, origina outros objetivos que, por sua vez, vão perpetuar o ciclo motivacional”.

Para Ribeiro (2003), “embora “ninguém motive ninguém”, já que a motivação é um processo interior do homem, o educador deve criar no ambiente de trabalho, condições para que os alunos se motivem”. Os educadores precisam conhecer as necessidades dos educandos, para então utilizar todos os meios para estimulá-los e, para eles mesmos se motivarem.

É necessário, portanto, que os educadores conheçam os alunos e que os alunos se conheçam e, ao mesmo tempo, valorizem suas diferenças e busquem dentro deles a motivação, aquilo que os fazem satisfeitos. De acordo com Bergamini (1997, p. 33), “à medida que um tipo de necessidade é suprida, a atenção do indivíduo volta-se para outros objetivos ou finalidades”.

Não é difícil perceber que as pessoas consagram mais tempo às atividades para as quais estão motivadas. Quanto mais motivação houver com relação a uma atividade, menos as pessoas vêem o tempo passar enquanto desempenham tal atividade. (VERGARA, 2000).

Por isso, se faz tão necessário um estudo sobre as condições que favorecem a motivação dos alunos, uma vez que, a modalidade Educação de Jovens e Adultos é formado por sujeitos que não tem suas necessidades vitais satisfeitas em sua maioria, logo precisam de ser constantemente estimulados para que possam aprender significativamente.

CONCLUSÃO

Partindo de uma perspectiva educacional percebemos que quando Menezes reflete que “desenvolver o desejo de aprender é a mais importante função da escola. Portanto, a falta de motivação é problema dela” (Nova Escola, Nov/07:90). Espelhamo-nos em suas palavras, pois entendemos também que a escola é um ambiente de constante motivação. Quando se motiva o educando, é mais fácil perceber uma aprendizagem prazerosa.

Como se pode perceber nos últimos anos, o aluno tem visto o estudo como uma ferramenta



que lhe trará recompensas, tais como elogios, notas e prêmios (Guimarães, 2001, p. 46). Confirmando assim o que foi discutido em outras ocasiões desta produção, pois, segundo os autores estudados, a motivação extrínseca. O professor, entretanto, tem um grande desafio dentre muitos que já enfrenta, a ele cabe à utilização correta dos métodos de ensino. O professor deve acima de tudo adequar os métodos a realidade dos seus alunos.

A educação que motiva, é também a educação que problematiza. Este tipo de educação “reconhece [os homens] como seres que estão sendo, como seres inacabados, inconclusos” (Freire, 1993, p. 83). Podemos fundamentar nossas conclusões ao observar nessa afirmação de Paulo Freire, que toda pessoa está em constante processo de “acabamento”, no entanto o ser humano precisa está a busca de melhorias, aperfeiçoamento e inovação. Nenhum homem é completo em si, ele sempre está “se fazendo” (freireanamente falando). Nesse contexto o educador precisa motivar o seu aluno, conscientizando do “ser incluso” que ele é. E sendo assim, ele (o educando) precisa buscar “se fazer”, e é na educação que isto se torna possível.

Todavia, existem uma multiplicidade de fatores que motivam um educando à aprendizagem, sendo que a escola como todo tem a obrigação de buscar melhorias na motivação dos alunos. A sala de aula, entretanto é um ponto determinante na motivação dos educandos. O professor deve levar em conta o fato da sala de aula ser determinante na motivação dos alunos para aprender. Se o professor não criar um ambiente propício para a efetivação do processo ensino-aprendizagem, pode não obter os resultados por ele preteridos. Sendo assim devem criar um ambiente satisfatório, no sentido de fazer com que os educandos sejam estimulados a sentirem-se no que estão fazendo.

A partir desta perspectiva realizamos este trabalho de pesquisa para verificarmos como alunos e professores estão percebendo a motivação e de que forma estão se motivando. Propondo assim que o professor crie um ambiente próprio para efetivação do processo ensino e de aprendizagem.



REFERÊNCIAS

BERGAMINI, Cecília Whitaker. **Motivação nas Organizações**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1997.

BERGAMINI, Cecília Whitaker. **Psicologia aplicada à administração de empresa**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1988.

BRASIL, Congresso Nacional. **Constituição Federal da República Federativa do Brasil**. 5 de outubro 1988.

_____, Congresso Nacional. Lei Federal nº 9.394. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**.

GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini. **A organização da escola e da sala de aula como determinante da motivação intrínseca e da meta aprender**. In: BORUCHOVITH, Evely e BZUNECK, José Aloyseo [orgs.]. **A Motivação do Aluno, contribuições da psicologia contemporânea**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 78 e 85.

MACHADO, Cleide de Lourdes Barbosa. **Motivação, Qualidade de Vida e Participação no trabalho**. Disponível em: <<http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/8925.pdf>> Acesso em: 13 de agosto de 2008.

McCASLIN, M., GOOD, T.L. The informal curriculum. In: BERLINER, David. & CALFEE, Robert C. (eds.). **Handbook of Educational Psychology**. New York: Simon & Schuster Macmillan, p. 622-70, 1996.

MINICUCCI, Agostinho. **Psicologia Aplicada à Administração**. 5ª Ed. São Paulo: Atlas, 1995.

OLIVEIRA, César Augusto. **A contribuição dos fatores Motivacionais para a qualidade**. Disponível em: <<http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/8925.pdf>> Acesso em: 15 agosto de 2003.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de Metodologia Científica**. 2ª Ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

PORTELLA, Iolanda Ferreira. **Motivação para o trabalho**. Disponível em: <<http://www.egma.ma.gov.br/pagina.php?Ação=D&IdArq=13&Ext=doc->>> Acesso em: 15 de jun de 2003.

RIBEIRO, Renato. **A Motivação como ferramenta Gerencial de Mudança**. Disponível em: <http://www.fae.edu/publicações/pdf/revista_fae_business/n6/gestão_motivacao.pdf> Acesso em:



15 jun. de 2003.

SOUZA, Elvira Machado. **Motivação:** alguns aspectos relevantes que interferem no sucesso das organizações. Disponível em: <<http://www.undb.com.br/elvira.pdf>> Acesso em: 16 de junho de 2005.

TELES, Antônio Xavier. **Psicologia Organizacional:** A psicologia na Empresa e na Vida em Sociedade. 4. Ed. São Paulo: Ática, 1994.

VERGARA Sylvania C. **Gestão de Pessoas.** 2. ed., São Paulo: Atlas, 2000.